

Os integralistas: suas organizações e atuação no Rio de Janeiro (1938-1947)

Gustavo Felipe Miranda*

Resumo: O que me proponho a investigar neste texto é fundamentalmente o papel desempenhado pelos integralistas no cenário político do Rio de Janeiro durante os primeiros anos do Estado Novo tendo como base uma organização fundada por integralistas denominada Cruzada Juvenil da Boa Imprensa.

Palavras Chave: Integralismo - Estado Novo - nacionalismo.

Abstract: What I consider to investigate in this text an organization established for in this text is basically the role played for integralistas in the scene politics of Rio de Janeiro during the first years of the New State having as base an organization established for integralistas called Crossed Youthful of The Good Press.

Keywords: Integralismo - New State - nationalism

No ano de 1940 inicia as suas atividades a Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, seu idealizador e principal dirigente Jaime Ferreira da Silva era um ex-oficial do Exército que havia se reformado após um acidente de serviço. Seu primeiro endereço é a Rua do Ouvidor nº 27, no centro da cidade do Rio de Janeiro, local que já funcionava a revista infantil Rataplan, por um breve espaço de tempo elas dividirão a mesma sede.

Não era uma simples coincidência o fato de ambas as organizações estarem instaladas no mesmo endereço, ambas tinham como público principal o jovem. Os organizadores da Revista Rataplan como os da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa se entendiam como salvadores da leitura da criança brasileira, por que como colocara o Gal. Pedro Cavalcanti, sócio benemérito da CJBI, “as leituras que ora estão apresentadas aos menores pelos suplementos dos nossos jornais e outras revistas atuais, deseducam em vez de educar as crianças”. (Pasta: 7, Série: integralismo, APERJ)

Jaime Ferreira da Silva, segundo os relatórios da polícia política do Estado Novo, era membro da, neste momento extinta, Ação Integralista Brasileira. Havia atuado na imprensa integralista no jornal “A Offensiva”, mas apesar disso seu nome não figura entre os membros da Câmara dos 40, nem na composição da Câmara dos 400, o que não o coloca entre os integralistas mais graduados, pelo menos na época de funcionamento da AIB. Parece ser justamente durante o período de proibição do funcionamento da doutrina que Ferreira da Silva se apresentará com maior proeminência chegando a ser eleito vereador para a Câmara

* Mestrando em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

do Distrito Federal em 1946. A Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, a Revista Rataplan e o próprio Jaime Ferreira da Silva são elementos importantes para a análise que faço sobre o movimento integralista durante o Estado Novo e primeiros anos do governo de Eurico Gaspar Dutra.

Com a decretação do Estado Novo em 10 de novembro de 1937, o governo Vargas ampliava ainda mais a face ditatorial de seu regime, para os integralistas o trágico era que o tão aguardado sonho de participação no governo, desde o início do Estado Novo, começa a se transformar num pesadelo que culmina com duas tentativas frustradas de golpe e a posterior perseguição empreendida pela Polícia Política estadonovista. É deste ponto em diante que pretendo pensar o integralismo tendo como norte a seguinte problemática: de que maneiras os integralistas se articularam e participaram da cena política do Rio de Janeiro durante o Estado Novo e primeiros anos do Governo de Dutra?

Desde já, é importante considerar que parto da hipótese que o período em questão apresenta uma peculiaridade, caracteriza-se por momentos desfavoráveis, em graus diversos, para apresentação do integralismo a sociedade tanto carioca quanto brasileira. A princípio dividirei a atuação dos integralistas no Rio de Janeiro pós 1938 em três momentos: a fundação de organizações de diversos tipos, clubes de futebol, blocos carnavalescos, associações de ajuda mútua, organizações ligadas à educação (CJBI) e outros, num segundo momento, a proibição dessas organizações, aumento da repressão, acusação de traidores e informantes de nazistas, mas exatamente o período que compreende a entrada do Brasil na Segunda Guerra até a queda do Estado Novo e por último o período que compreende o fim do governo Vargas até o cancelamento do registro partidário do PCB, período esse marcado pela atuação parlamentar de Jaime Ferreira da Silva.

Face aos três momentos, a título deste simpósio, darei um destaque maior ao primeiro.

O Integralismo reorganizado?

Em 6 de Outubro de 1940 foi realizado o primeiro evento sob patrocínio da Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, essa solenidade marca o início de uma série de semelhantes festas, onde a partir de então, irão se reunir parte dos integralistas do Rio de Janeiro.

Este evento tinha uma grande importância para a CJBI, principalmente porque a apresentava para a capital federal. Além disso, não por acaso, não deixava passar em branco a

antiga festividade integralistas “Noite dos Tambores Silenciosos”. Deste modo, dada à importância do evento, “os membros da diretoria da CJBI expediram convites ao Chefe de governo, aos Ministros de Estado, ao chefe de polícia e as altas autoridades”. (Dossiê 03/10/1940. Pasta 7, série: integralismo, APERJ)

A presença de dossiês referentes a organizações taxadas de integralistas, anteriores a CJBI, nos permite concluir que esta última, já nasceu sendo investigada. Desde o início de suas atividades a polícia política do Estado Novo relacionava tal organização a Ação Integralista Brasileira, os principais fatores que faziam esses investigadores caminharem para este entendimento eram: os dirigentes, em sua maioria militantes da AIB, os sócios da organização também, em grande parte, ex-integralistas e as suas práticas.

É importante ressaltar que o contato com as fontes nos conduziu a considerar a Cruzada Juvenil como a organização que mais congregou elementos integralistas, por isso a opção por privilegiar, neste primeiro momento, a sua atuação frente às demais organizações.

Segundo o Delegado Especial Felisberto Batista:

A fim de dar mais incremento a propaganda partidária e criar um organismo de direção, que disfarçadamente, representasse o partido e como tal pudesse surgir a qualquer momento, foi criada a Cruzada Juvenil da Boa Imprensa, dirigida pelo capitão reformado, Jaime Ferreira da Silva, auxiliado por um numeroso número de companheiros. (...)

A Cruzada Juvenil da Boa Imprensa é, pois, a mais alta expressão política do integralismo, aqui no Rio. É uma espécie de Estado Maior partidário órgão consultivo e executivo do chefe provincial Raimundo Padilha que, por intermédio do Cap. Jaime Ferreira, maneja a massa integralista aderente e a mantém unida e obediente. (Pasta 7, série: integralismo, APERJ)

O texto do Cap. Felisberto Batista não titubeia em apresentar a CJBI como a mais alta expressão política do integralismo do Rio de Janeiro, mesmo tendo ela pouquíssimo tempo de operação. Também relaciona a Cruzada com a hierarquia integralista, ligando o suposto chefe provincial Raimundo Padilha a esta organização. Por último, opina sobre o integralismo ao dizer que “a massa integralista” continua “unida e obediente”.

Com o objetivo voltado para a análise da intervenção integralista no Rio de Janeiro, problematizarei a versão contida nesse relatório policial contrapondo este a três documentos escritos por Plínio Salgado nos primeiros anos do Estado Novo, são eles: o Manifesto de Maio de 1939, uma carta a Raimundo Padilha de Agosto de 1940 e o Manifesto de Setembro de 1941. Com tais documentos entendo que haverá a possibilidade de se perceber a posição política de Plínio Salgado e com isso delimitar erros e acertos da versão policial.

O manifesto de Maio é o documento em que Plínio Salgado se despede de seus companheiros no momento de partir para Portugal, tem como fim traçar alguns termos para a atuação dos integralistas. Neste ínterim, chamava a atenção para alguns ensinamentos e em face da situação do integralismo naquele momento, julgava oportuno orientar todos aqueles comungavam tais ideais. Deste modo colocava: “recomendo-lhes na hora presente, que se abstenham de quaisquer agitações subversivas e de manifestações de caráter político, perturbadoras da ordem pública”. (CARONE, 1976: 462-465)

Não só a situação do integralismo incitava a escrita do Manifesto, a situação mundial também dava motivos para a sua escrita, pois “o panorama sombrio do mundo exige que todos os brasileiros se unam no terreno comum do amor a pátria”. Portanto, em sua versão, era necessário uma união de forças políticas brasileiras para o bem da nação.

O combate ao comunismo não poderia deixar de ser citado neste documento, que objetivava montar “uma barreira de vontades esclarecidas a ameaça bolchevista”. Por isso, frente a essas duas questões de ordem política, o panorama mundial e a ameaça bolchevista, Plínio Salgado chama a atenção para a responsabilidade histórica que tem os integralistas: “Se (...) promovemos agitações, corremos o risco de sermos acusados, no futuro, como responsáveis pela desunião dos brasileiros, ou como empecilho àqueles que (...) queiram firmar na unidade espiritual da pátria a sustentação do nosso prestígio externo e da soberania nacional”. (CARONE, 1976: 462-465)

O trecho acima é o argumento que o chefe integralista se utiliza para pedir apoio ao Governo de Getúlio Vargas. No desenrolar do texto indaga: “Qual a orientação, pois, que vos recomendo? A orientação da paz, da ordem, da abstenção de quaisquer agitações”. Neste sentido o perfil do integralista deve ser “vivo e ativo, pacífico e trabalhador, ordeiro e vigilante, calmo e desperto, para tudo dar ao Brasil quando ele vos pedir.” No final do texto, mais uma vez, faz uma conclamação: “uni-vos brasileiros, respeitando as autoridades constituídas e não perturbando, de forma alguma, a ordem pública.” Deste modo, o que podemos observar é que Plínio Salgado orienta os integralistas não só a colaborarem com o chefe da nação, mais que isso, orienta a obediência aos poderes constituídos. (CARONE, 1976: 462-465)

Raimundo Padilha, segundo Edgard Carone, é quem recebe as instruções provindas de Plínio Salgado, quando este se encontra no exílio. Levando em consideração tal afirmação, busco numa dessas correspondências endereçadas a Padilha, alguns pontos que me indiquem a posição política do chefe integralista. A carta que analisarei é datada de 20 de

Agosto de 1940, seu conteúdo versa sobre algumas resoluções tiradas depois da visita do Gal. Francisco José Pinto, Chefe de Gabinete de Getúlio Vargas, à Plínio Salgado em Lisboa.

Segundo o Chefe integralista, a missão do General Pinto era propor uma cooperação dos integralistas para com o governo do Estado Novo: “respon-di-lhe que estava disposto a tomar parte no governo do Brasil, dentro dos meus pontos de vista já manifestados em 1937, 1938 e 1939.” O líder integralista aceita a proposta feita pelo representante do Estado Novo e por conseguinte dá a Gustavo Barroso o poder de conduzir as negociações. É importante se levar em consideração que Salgado reescreve todo processo histórico desde o golpe de novembro de 1937 para justificar seu ato. Como expõe o chefe integralista, não houve interferência sua neste golpe: “limitei-me a não me envolver, desde que o presidente nos garantisse que não teríamos uma ditadura do tipo nazista, mas uma democracia orgânica de fundamento cristão”. Frente a isso, coloca Salgado “esse direito foi-nos negado” e houve a supressão completa de todas as liberdades do país”. Apesar desse grande retrocesso para o integralismo, o oferecimento da pasta da educação a ele “demonstraram e demonstrarão (...) nunca nos considerou elementos perniciosos”. Neste trecho, poupa-se a figura de Vargas do acontecido ao integralismo e dimensiona-se o convite a pasta da educação como o “maior documento a nosso favor.” Entretanto, “o fato é que eu não podia aceitar o convite, pois não concordava com o sistema do Estado Novo.” Apesar de “muitos temas de sua propaganda fossem bebidos em nossa própria doutrina e algumas idéias bem nossa.” (SALGADO, 1955: 155-158)

Todo o discurso de Plínio Salgado em carta ao seu mais próximo correligionário tem um tom de colaboração. Apesar de falar o tempo todo em início das negociações com o Estado Novo, o que se verifica é uma atitude colaboracionista, aproximando-se muito do manifesto de 1939. Porém, esta carta se torna mais importante para se entender o posicionamento político de Plínio Salgado, pois diferentemente do manifesto, aberto não aos integralistas mas também para a população em geral, a carta é um documento entre particulares, que exprime privilegiadamente a ordenação do pensamento do chefe do integralismo. Sendo assim, pode-se dizer que estes documentos convergem para o entendimento de que Plínio optou por colaborar com o governo estadonovista.

“Integralistas”, mais uma vez o chefe voltava a se manifestar, o discurso era muito próximo daquele apresentado em maio de 1939 e o contido na carta a Raimundo Padilha: apoio incondicional ao governo constituído. A ligação de ambos os manifestos é feita pelo próprio Plínio Salgado, que discorre um resumo e faz citações de temas contidos no último manifesto.

A justificativa do texto, mais uma vez, é a união dos brasileiros, é por causa disso que Plínio Salgado diz escrever aos integralistas. No decorrer do manifesto ele explica como se daria essa união de brasileiros pelo bem do Brasil:

Esta forma consiste em darmos o nosso integral apoio ao atual governo do Brasil, em tudo o que ele houver de empenhar para defender a intengibilidade da nossa soberania e independência, para salvaguardar a família brasileira contra o comunismo e todos os fatores dissolventes da nacionalidade. (CPDOC, Manifesto de Setembro, 07/09/1941)

Mas a argumentação de Salgado para o apoio a Getúlio não só se restringe a conjuntura mundial, na sua leitura “os fundamentos ideológicos da doutrina integralista são os mesmos que inspiraram a constituição de 10 de Novembro.” Com a continuação do texto o apoio ao regime se torna mais evidente, “nada nos impede de apoiar o atual regimem no Brasil”, ou mais que isso, “moralmente nos sentimos levados a tal atitude”. Encerra o manifesto propondo. “Quais os atos de caráter político que devem os integralistas praticar? Respondo que nenhum, de própria iniciativa, pois sendo a doutrina que inspira o governo a mesma que nos inspira (...) será supérflua (...) toda ação isolada de caráter político”. (CPDOC, Manifesto de Setembro, 07/09/1941)

Aparentemente os integralistas são orientados a não tomar atitudes políticas, só que num último suspiro o chefe se contradiz, o que a princípio seria uma abstenção do processo político, passa a ser apoio incondicional a Getúlio Vargas, confirmando tal suposição ele indaga: “Como se traduzirá, então, a utilidade de nosso apoio?”

Traduzir-se-á no cumprimento dos nossos deveres de cidadãos respeitadores das leis e das autoridades: nas práticas das virtudes cívicas e particulares (...) no culto da história e dos símbolos da pátria (...) e, finalmente, se traduzirá na sinceridade absoluta e no mais luminoso cavalheirismo e lealismo² com que vos portareis, perante o governo brasileiro, a quem dais o nosso apoio nesta hora grave do mundo. (CPDOC, Manifesto de Setembro, 07/09/1941)

Entendo que no período de 1939 a 1941 as posições de Salgado não sofreram muitas modificações, a grande diferença é que nos dois primeiros documentos, o apoio a Getúlio Vargas é passado de forma superficial, e em fase de negociação. O mesmo não ocorre com o manifesto de setembro de 1941, onde o chefe integralista é incisivo e decidido ao dedicar seu apoio a Vargas. Mas de qualquer forma, o apoio ao chefe da nação permeia os três documentos. Portanto, pode-se concluir que o chefe integralista não buscava um enfrentamento com Getúlio Vargas, ele preferia a negociação, isso transparecerá com o

² Grifos do autor.

passar dos anos, na medida que seu prestígio político começa a declinar e o fortalecimento de Getúlio no poder se vê aumentado, o chefe integralista é obrigado a apoiá-lo.

Dessa forma, retornando ao tema intervenção dos integralistas no cenário político do Rio de Janeiro durante o Estado Novo e mais exatamente a questão fundamental deste texto, o papel desempenhado pela Cruzada Juvenil da Boa Imprensa privilegiadamente apresentada pelo relatório policial, o confronto das fontes nos levou a concluir que: apesar de serem válidos os argumentos que ligam a CJBI ao integralismo, a interpretação policial tem problemas.

Ela relaciona a fundação da CJBI a uma ordem de Salgado, com isso não leva em consideração que o chefe, apesar de seu poder, não detinha o controle dos sentimentos e aspirações de seus antigos partidários, e que esses integralistas poderiam em algum momento se organizar a revelia do chefe. Os documentos não se referem a ter vindo de Plínio Salgado a ordem para abrir a CJBI, de qualquer forma os manifestos deixam entendido que não era um bom momento para o integralismo voltar a sua atividade e que melhor seria o apoio a Getúlio. Essa constatação vai de encontro a versão da polícia que entende que a fundação da CJBI foi projetada por Salgado.

A Cruzada Juvenil da Boa Imprensa não se apresentou como uma organização simplesmente nacionalista desinteressada da atuação política, foi uma entidade que procurou reorganizar e reorganizou parte dos integralistas da capital, também objetivava promover eventos que reunissem integralistas e os promoveu, contudo não reorganizou o Integralismo (doutrina e organização partidária), pois este último ainda estava ligado a Plínio Salgado que continuava a ser o seu grande porta-voz.

Referências bibliográficas:

- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. **Totalitarismo e Revolução: O integralismo de Plínio Salgado**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CALIL, Gilberto Grassi. **O Integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)**. Por Alegre, Edipucrs, 2001, “Coleção História: 39”.
- CARONE, Edgard. **O Estado Novo: 1937 – 1945**. São Paulo, Difel, 1976. Coleção “Corpo e Alma do Brasil”.
- CHASIN, José. **O integralismo de Plínio Salgado: forma da regressividade no capitalismo hiper tardio**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

- CHAUÍ, Marilena. *Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira*. In: **Ideologia e Mobilização Popular**. São Paulo: Paz e Terra, 1978.
- FENELON, Déa. *O Historiador e a Cultura Popular: história de classe ou história do povo?* In: **Revista História e Perspectiva**. Uberlândia, Jan-Jun 1992.
- GOMES, Ângela de Castro. **A Invenção do Trabalhismo**. 2ª Ed.. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- GUIMARÃES, Maria Elisa W.. **Integralismo e Estado Novo: confronto e assimilação na educação**. 1999 UERJ, Dissertação de (Mestrado em História), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- SALGADO, Plínio. **Integralismo Perante a Nação**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira S. A., 1955.
- THOMPSON, Edward P.. **A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- TRINDADE, Hégio. **Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo: Difel, 1974.